

# A Fraternidade

ORGÃO DOS CAIXEIROS E DO COMMERCIO EM GERAL

Quinzenario independente

DIRECTOR,

JOAO DE SOUSA

SECRETARIO DA REDACÇÃO,

FRANCISCO GUIMARÃES

ADMINISTRADOR,

JOSÉ CARVALHO

Assignaturas (Pagamento adiantado)

Portugal, um anno 600 rs.—Semestre 300 rs.  
Brasil (moeda forte) 15200 »

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA BARJONA DE FREITAS, 38-2.º

Officina de impressão: Typ. «Minerva»—Famalicão

Annuncios (Preços convencionaes)

Não se publicam escriptos que tentem ferir qualquer individualidade

EDITOR, FERNANDO MONTEIRO

## CARTA ABERTA

Ao Ex.<sup>mo</sup> Snr. Conselheiro Hintze Ribeiro, presidente do conselho de ministros, ministro e secretario d'Estado dos Negocios do Reino

Ex.<sup>mo</sup> Snr.

Ha muitos annos que a numerosissima classe dos caixeiros portuguezes tem insistentemente solicitado dos poderes publicos a promulgação de uma lei que—como no Brasil, França, Allemanha, Italia, Inglaterra, Suissa, Hollanda, etc., etc., e modernamente na Hespanha—estabeleça o descanso dominical.

E é precisamente a V. Ex.<sup>a</sup> a quem aquella classe tem mais frequentes vezes apresentado a sua justissima pretensão. E é tambem a V. Ex.<sup>a</sup> a quem a mesma importante classe volla hoje a dirigir-se:—é ao digno chefe do governo a quem nós nos dirigimos, chamando mais uma vez a sua attenção para a mesma causa, já bem enraizada e bem conhecida de todas.

Nas mãos de V. Ex.<sup>a</sup> a nossa classe depóz, por vezes, a justiça da sua pretensão e V. Ex.<sup>a</sup> tambem por vezes declarou a sua sympathia e o seu valioso e indispensavel apoio á mesma causa, promettendo tratá-la convenientemente.

Na Camara dos srs. Deputados da Nação, o sr. conselheiro Campos Henriques, illustre collega de V. Ex.<sup>a</sup> da pasta da justiça e negocios ecclesiasticos, respondendo ao digno deputado ex.<sup>mo</sup> sr. Conde de Castro e Solla, que em nome dos caixeiros de Barcellos defendeu o principio do repouso dominical, disse que «o descanso dominical, sendo um assumpto verdadeiramente importante, não pôde deixar de merecer a attenção dos poderes publicos.»

Crêmos que em abril de 1903, e quando uma deputação das Associações de Classe—Caixeiros Portuguezes, de Lisboa, e Empregados de Commercio, do Porto, conferenciou com V. Ex.<sup>a</sup> sobre o mesmo assumpto, entregando-lhe os trabalhos realisados n'aquelle tempo sobre a referida causa do descanso dominical, e cuja deputação foi a V. Ex.<sup>a</sup> apresentada pelo sr. Simões d'Almeida, ao tempo presidente da Associação Commercial de Lisboa, V. Ex.<sup>a</sup>—depois de ouvir as judiciosas razões pelas quaes se impõe, como necessidade urgente e inadiavel, a promulgação de uma lei que regule a observancia do descanso dominical—V. Ex.<sup>a</sup>, iamos dizer—*respondeu á commissão que iria estudar o assumpto com attenção que elle lhe merece, para cuja solução passaria a entender-se com o presidente da Associação Commercial de Lisboa.*

E são tantas, Ex.<sup>mo</sup> Sr., as

promessas que o governo d'aquella época e V. Ex.<sup>a</sup> fez á nossa classe, de que o governo resolveria de modo a attender as nossas justissimas aspirações, que nós, em nome da classe dos caixeiros portuguezes, em nome das nossas crenças religiosas e em nome do Direito e da Razão que temos ao nosso lado, ousamos dirigir a presente carta a V. Ex.<sup>a</sup>, ao mesmo tempo que por esta fórma respeitadamente pedimos a V. Ex.<sup>a</sup> o cumprimento d'aquellas promessas, libertando assim uma classe inteira, numerosa e digna de serem respeitados os seus justos desejos, e que, como todos os homens, os seus membros precisam de repouso, ao menos de um dia por semana, para refazerem o espirito e as forças musculares, para novos trabalhos.

A nossa classe, Ex.<sup>mo</sup> Sr., é uma das poucas que ainda está debaixo do poder usurpador do capital e é tambem aquella que, apesar de poder dispôr de força e por esta poder fazer valer os seus desejos, se tem conservado humilde e ordeira á espera que dos poderes do Estado lhe seja dirigido um olhar de piedade...

E' a nossa infeliz classe a que mais soffre e a que mais pacatamente procura obter, quasi que por favor, uma regalia que os modernos sociologistas dizem e aconselham a que se reclame. E talvez seja devido a esta pacatez e a este soffrer paciente que aquella mesma classe—25 mil homens moços!—não gosa ainda hoje o que outras classes, pela força e pela imposição, tem conseguido! Olhando-se e consideram-se attentiosamente este incomparavel proceder dos caixeiros portuguezes—d'esses 25 mil homens—não será justo que os poderes publicos attendam agora um desejo, que tem o unanime apoio da imprensa e do commercio?

E' animados pelos sentimentos nobres e pelos largos conhecimentos das causas sociaes que V. Ex.<sup>a</sup> possui, que nós nos dirigimos ao nobre chefe do actual governo, dirigindo-lhe mais uma vez as nossas supplicas, com a esperanza de que V. Ex.<sup>a</sup> saberá tornar em facto o que por tantos annos tem sido uma utopia!

Não será fóra de proposito lembrar a V. Ex.<sup>a</sup> que, na Camara dos srs. Deputados, parece-nos que em sessão de 16 de

abril de 1904, o deputado regenerador ex.<sup>mo</sup> sr. Claro da Ricca, apresentou um projecto de lei que, posto em execução, satisfaria os desejos da nossa classe, ao mesmo tempo que daria fim á nossa campanha, sempre digna e sempre cheia de ordem.

Nas sessões parlamentares d'essa época, tambem outros dignos deputados, entre elles os srs. Rodrigues Nogueira e Conde de Penha Garcia, chamaram a attenção de V. Ex.<sup>a</sup>, do governo e da Camara, para a nossa causa, defendendo ao mesmo tempo a reconhecida necessidade de ser decretado o descanso dominical. E toda a Camara, commungando nas mesmas ideias, leve sempre palavras de applauso e de apoio á pretensão dos caixeiros, o que prova nada haver que dificulte a promulgação da lei referida.

Todas as nossas esperanças mais firmes, se dirigem n'este momento para V. Ex.<sup>a</sup>, visto ser o actual illustre presidente do Conselho de Ministros e Ministro do Reino o estadista com quem mais de perto se tem tratado da questão de que vimos falando. E é por isto, Ex.<sup>mo</sup> Sr., que nós,—em nome de todos os nossos companheiros de trabalho do commercio e da industria, vimos,—no momento em que a V. Ex.<sup>a</sup> mais uma vez foi confiada a chefia do governo que ha de administrar este paiz—pedir que no seu programma de governo seja incluída, em lugar de destaque, a medida de que a nossa grande classe carece para tornar effectivo o descanso dominical em Portugal, devidamente observado por lei, com a approvação do projecto apresentado pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Claro da Ricca, ou de outro igualmente disposto que V. Ex.<sup>a</sup> entenda dever apresentar á discussão e sancção das proximas Camaras electivas.

Depomos confiadamente a Justiça da nossa causa nas mãos de V. Ex.<sup>a</sup>, esperando ao mesmo tempo que V. Ex.<sup>a</sup> se interesse pela liberdade e bem-estar dos trabalhadores do commercio e da industria, que sem duvida são a força mais portentosa da riqueza nacional e que, como todos os hygienistas, attenderá a inadiavel necessidade de se cuidar da vida e do futuro dos trabalhadores.

Assim o espera a classe representada por este humilde jornal.

## CONSIDERAÇÕES

Ao correr da penna

Pede-nos um amigo que colaboremos na «Fraternidade» Coisa para nós difficil, porque, se nunca nos julgamos com feitiço para escrever em jornaes, agora, mais que n'outros tempos, reconhecemos ser uma temeridade metter hombros a tal tarefa.

Abstraíndo a causa principal—falta d'aptidões—outras ha senão tão importantes pelo menos tão poderosas que deveriam formar em nosso espirito uma invencivel fortaleza que não se rendesse a assaltos de quem quer que nos viesse pedir para isto a que é uso dizer-se—escrever qualquer coisa. E' que o nosso modo de ver os casos que se desenrolam nem sempre agradam aos leitores d'um jornal que é destinado a defender uma classe como a dos caixeiros, que gosta que se lhe queime incenso constantemente e não se lhe levante o manto que encobre as pustulas da alma, como tantas vezes o luxuoso «plastron» lhe serve a resguardar a camiza d'uma limpeza duvidosa.

A classe está estragada, completamente desmoralizada, desconhecedora como nunca esteve dos seus deveres sociaes e cada vez mais entolada, mais enfatuada, mais pedante e truanesca.

As suas associações vejetam por falta de socios; os seus jornaes morrem á força de callores. Aquellas são sustentadas pela dedicação d'um numero muito restricto que as vae amparando sollicitamente, como um caridoso enfermeiro ampara a sua doente, estes tem tambem os seus amigos affectuosos que não só sacrificam o seu tempo mas a sua bolsa.

Se correremos os nossos olhos muito pela rama de norte a sul sobre o que se passa pela classe, o que vemos? miserias, vergonhas, desolação.

Na capital, onde ha o maior numero de caixeiros e sobretudo a maior percentagem de caixeiros intellectuaes; onde ha elementos de muitissimo valor scientes e consciences do caminho a seguir; onde ha um jornal como o «Caixeiro», que tem um distincto corpo redactorial e colaboradores da envergadura intellectual e moral, d'esse bom Sá Pereira, jornal esse que está constantemente a tocar a rebate aos ouvidos dos que não querem ouvir; na ca-

pital, diziamos, é devéras deprimente o quadro que a classe nos offerece.

Elle revela uma tal carencia de decoro e desconhecimento dos proprios deveres que causa lastima. Alli, mormente depois de feita a fusão, podia ter renascido das cinzas das tres associações fusionadas, como a Fenix da fabula, um baluarte forte e altivo que servisse de verdadeiro reducto á classe dos caixeiros; uma associação em fim digna d'ella, pelo seu poder e pela sua orientação sã e democratica. Em vez d'isto o que vemos? A commissão administrativa da sua associação a braços em dura lucta com a falta de recursos e os caixeiros fazendo ouvidos de mercador e... passeando nas hortas.

Descâmos um pouco mais e lá encontraremos Setubal onde, felizmente, o nosso «floxera» não tem entrado muito. E' que essa formosa terra essencialmente operosa, é tambem immensamente liberal e assim não é difficil vêr que os caixeiros com bellos espiritos a guial-os dos quaes apenas citaremos um, synthetizando n'elles tantos outros—Joaquim Brandão, e com o eloquente exemplo que lhes dá a sympathica classe dos soldados, conheçam a noção dos seus direitos mas não ponham de parte a dos seus deveres.

Mais além, olhando o mappa da classe, fica... Mas reparamos agora que o logar onde existia o nome da associação a que Ojeda Martins tanto se dedicou, está occupado por uma mancha escura, como um montão de lama!

Que succederia? Que se terá passado em Lagos?!

Volvâmos ao norte.

O estado geral da classe aqui no Porto é quasi igual ao de Lisboa e cremol-o não desceu tanto como lá porque as negociações de Paz fizeram-se aqui muito mais rapidamente.

Ha sobretudo a constatar o esplendido trabalho da commissão d'aulas que viu coroados do melhor exito os seus esforços. Pena é que o digno presidente da commissão administrativa, homem d'orientação e de principios, não possa pelos seus multiplos afazeres associativos e profissionaes, prestar á união cuidados mais attentos.

Em Coimbra, vemos pela correspondencia da «Luz» que se vae ahi fundar outra associação para fazer frente ao Atheneu. Não acreditamos, mormente depois da fusão havida do grupo dos XX com aquella e cremos até que os typographos mais uma vez fizeram diabruras com os galleões e collocaram na correspondencia da terra das tricanas e como sendo de Marãesguí, o que pertencia á secção tambem coimbrã mas assignada pelo «signor K. Lino». Será errada a nossa previsão? Vel-o-hemos em breve.

O que ha pois d'aproveitavel em tudo isto?

Nem a propria imprensa da classe, infelizmente, se salva por completo. Como lhe faltam elementos com que faceie as suas despesas, condescende não poucas vezes para ser agrada-

veis a uns e outros, de fórma que não é raro ver-se nos nossos jornaes escriptos sem orientação, devéras dissolventes quando não são abertamente obscenos. Mas tudo se aceita e tudo se publica porque os collaboradores a isso estão habituados. A epidemia das «Cartas abertas» a fulano e a ciorano; as «Cartas d'amor», as «Cartas mysteriosas» emfim as cartas de todas as fórmas e feitios ameaçam não ter fim se as direccões dos jornaes se não lembrarem de pôr um dique a este estado de coisas que é tanto mais deprimente pelas habituaes patacuadas como nocivo mesmo aos interesses da classe.

Abram-lhes os olhos, eduquem-na, discutam e propaguem doutrinas e terão elevado os seus jornaes á altura devida e cumprido dignamente a sua missão.

Não o entendem assim? Pois bons fructos hão-de colher de tão prenciosa sementeira.

Porto, março de 1906.

Anibal Martins.

## IMPRESSÕES E ASPECTOS

«La patience est l'art d'espérer.»

Vauvenargis

Com effeito. Mas a paciencia tem limites. Contém-se até elevado ponto; conserva-se até ao ultimo grau; guarda-se até á ultima gotta. Mas, não podendo sustentar-se por mais tempo, sacode-se, e lança-se ao correr dos ventos...

Burila no espirito humano, fermenta na consciencia de todo o sentimental, scintilla brilhantemente em todos os pontos de vista, germina cheio de fé nos corações da mocidade fulgazá um ideal sublime, febricitante e preconizador. Sim, agita-se-lhes no peito como o doce palpitar da vida, pulsa-lhes no sangue como a febre mais intensa, tumultua-lhes no pensamento como a chamma que se ateia com o oxygenio purificado, convulsiona-se-lhes na mente como os solavancos mais suaves d'uma nerina envolta n'uma tempestade.

E, indubitavelmente, esse ideal ajoujado e triturado com os grilhões amotinadores do desprezo, oprimido e vexado com o manto tetrico do esquecimento, confundido e humilhado com a tunica desoladora da indifferença, não deve avançar para a inexpugnabilidade; não! A sua marcha lenta, methodica e pensativa não resvala da estrada que o ha-de conduzir ao pinaculo da realeza.

E, depois que se tenha empunhado o symbolo da victoria, depois que se proclamem, com a fronte bem levantada, as conclusões d'um só pensar, é porque temos terminado a nossa delirante obra e satisfeitas as nossas ambições. Depois, que no campo da peleja, já não se conserve um unico soldado do dever, um unico soldado do bem, remos todos, desaffrontadamente, limpar, com as proprias fa-

ces, as manchas de sangue alli vertido, e cobrir esse terreno occulto, não com crepes, mas sim com pétalas de rosas e boninas.

Esse sonhado ideal é, na generalidade, querido por todos; esse alvejado ideal é, irrefutavelmente, conclamado por immensos gritos.

Mas de que serve tudo isso? —rien!

Estamos n'um paiz verdadeiramente original! Não se olha para os fracos e pequenos; fracos digo eu, mas não, fortes; pequenos tambem não, grandes. E entre essa fraqueza e essa pequenez está um valente elemento: — a **justiça**. E entre essa fortaleza e essa grandeza está um poderoso laço que a une: — a **razão**. E ao lado de de tudo isso está a **união**, porque sem ella tambem não ha **força**, e, sem esta, não ha **obras**, e sem obras não ha **factos**.

Esse ideal ainda não é um facto porque, se com effeito, o fosse, desnecessario se tornava estar eu agora a expôr aqui o meu modo de pensar, a fatigar o meu espirito, a cansar demasiadamente o meu cerebro, a esgolar, á mercê do nada, as minhas attencões, para falar ao coração do homem, para conversar com as suas ideias, para abrir no seu peito um vácuo de compaixão e amor.

Mas... a nada se move!

E' que o pensamento humano e a moralidade deixaram de existir. Agora só ha ambições, sagacidades, orgulhos e ganancias.

O ideal a que me venho referindo já todos o comprehendem porque, infelizmente, assim tem de ser, é elle: — *descanso dominical*. Ao ouvirem-se pronunciar estas phrases ninguém se surprehende, antes, pelo contrario, um sorriso que denota uma leve esperanza assoma em cada labio; um olhar de profunda magua apparece em todas as physionomias...

Effectivamente é para lamentar que não se tenha dado uma definitiva resolução a este assumpto!

E' mesmo revoltante que tudo isto continue n'esta carreira vertiginosa de abusos e usurpações; é indigno e asqueroso que não se ponha ponto n'este caminhar para a ruina ou para o precipicio!...

Fatalmente!...

Os meus pregões, recamados de energica indignação, cheios das mais eloquentes e vigorosas contrariedades, é preciso que vão cavar nos animos uma onda de revolta, contra todos os modos de proceder d'um Governo; é preciso que os canhões atreadores, postos em campo, façam vomitar as chammas e as granadas destruidoras; é preciso que as metralhas derrubem, destruam essas barreiras immensas que se levantam, como espectros medoahos, ante o nosso viver!

Irremediavelmente, é preciso tudo isso, e tudo é nada! Mas, aonde é que chegam esses pregões pulverizados com o orvalho viçoso da razão?...

Consumem-se precipitadamente n'um calafrio doidejante de

infelicidades. Perdem-se nos ruidos pavorosos da tormenta, como lagrimas dos desgraçados, que a terra absorve. Escodem-se nas trevas d'uma noite sem luar, como os nivos d'uma ufera, que o silencio da natureza adormecida e placida dissolve. Submergem-se nas ondas do mar embravecido e despedaçam-se d'encontro aos rochedos!...

Sim, já nos peitos ingratos do homem não encontram guarida; já não encontram um coração amigo que as acate com bondade!...

E sempre, sempre n'esta critica situação: trilhando a mesma linha coberta de espinhos, proseguindo ininterruptamente n'esta feia esmagadora e commovente!...

Deixemos operar a reacção. Deixemos manifestar livremente a borrasca tempestuosa que se desencadeia formidavelmente nos altos poderes do Estado. A bonança virá e trará consigo a lanterna divina para nos illuminar, com o seu brilho, com a sua luz da verdade, a estrada do bem.

Deixemos, deixemos em paz quem não nos ouve, e a maldição suprema cairá como chuva de fogo, sobre tão ignobis sentimentos. Porque nós, soldados d'uma campanha, defensores tenazes d'uma causa, pugnadores arreigados d'um objecto, estamos debaixo da bandeira immaculada e pura da *razão*, e portanto não devemos descer ao lodacal da ignominia para arremessarmos a esses vendilhões da propria dignidade, o odio mais vil que se gere na criação humana!

Afastemos as ideias revolucionarias e façamos espalhar o perfume corrompido com as lamentações da calamidade!

O momento ha-de soar!...

Esperemos resignados com a fé que nos acalenta e nos enche de alegria!

Mas... não! aos nossos ouvidos chegam os ruidos frouxos da rebelião e que nos excitam a marchar para a frente!...

E vamos, vamos todos!

Façamos faiscar a luz futura do caiporismo; calafetemos as fendas abertas por onde se esvae imperceptivelmente a aragem amena e disleficadora do nosso viver; empunhemos o emblema que nos caracteriza como combatentes e como heroes invenciveis, e, caminhemos... caminhemos...

Esse emblema servir-nos-ha de baluarte, de fortaleza. Essa insigne a que chamamos *direito* fará avassallar as oppressões fadarias e estupidamente brutaes que nos dominam. Caminhemos... caminhemos...

Espera-nos um balsamico osculo de amor e uma onda encapellada de sorrisos *esperançosos*...

Em um artigo singelo e despretencioso, publicado no ultimo numero d'este denodado campeão, fiz uma leve referencia aos trabalhos iniciados pela minha classe com o fundamento principal de abrir uma campanha de *protesto* contra as affrontas provocadas por um no-

vo projecto de reforma do exercicio de pharmacia em Portugal. Esse projecto contém um artigo, n.º 29, pelo qual, nós, *aspirantes de pharmacia*, somos lesados com o mais descarado dos atrevimentos. Portanto, cumpre-nos o dever imprescriptivel de protestar violentamente contra similhantes abusos! Para isso apparecerá, brevemente, um jornal da classe, para expôr minuciosamente ao publico as nossas razões e reclamar dos altos poderes do Estado a attenção ao assumpto, para que tão monstruoso projecto não se vingue em um facto. Pois ficarmos quédos e perplexos perante tão vil affronta, seria dar provas incontestaveis da nossa temeridade!

Mas nós não tememos!

Nós não recuamos!

Seguiremos sem receio e sem temor n'esta contenda, apoiados ao bastão das nossas pretensões, até que as vejamos convertidas conforme os nossos desejos; havemos de seguir intrepidamente, embora escalando despenhadeiros até que o ideal que nos massacra o espirito nos indique o ponto de conclusão.

O desvairamento em que estamos, mergulhados dá-nos actividade e resignação para arros tarmos, ainda com os maiores sacrificios, mas nunca, positivamente nunca, cairmos exaustos e extenuados de fadiga ao levantarmos os primeiros alicerces; porque na nossa classe — orgulho-me de o confessar — encontram-se rapazes de alto valor intellectual e de elevados dotes de espirito, aliando um genio intemerato, capaz de frustrar e confundir os adversarios contendores. Entre esse grande numero destaca-se a figura de José Caroliano Alves Torres, o principal braço heroico que se ergueu para dar principio a tão difficilissima como ardua empreza. Este collega que não tenho, infelizmente, a honra de conhecer pessoalmente, deprehendo, coratudo, ser um d'estes rapazes dotado d'um sentimento irrequeto e nobre, com o que se dedica sinceramente á sua classe, presando altruistamente um nome que deve ficar gravado a letras de ouro nos pergaminhos da historia dos povos. Este collega que é presentemente o presidente da nossa *Federação*, da qual eu sou socio, teve a amabilidade de me oferecer o cargo de correspondente n'esta localidade, do jornal, como já disse, que brevemente sairá á luz da publicidade, cujo offerecimento accetel; não com o propositado fim de me tornar saliente, mas sim para com o meu constante brado de protesto, fazer despertar vibrantemente no espirito adormecido, a idela revoltosa de: — **Abaixo o novo projecto!!!**

Aos mais collegas, e a este em particular, envio um abraço de camaradagem e de cordeal affecto envolto nas paginas resplandecente da *fraternité et égalité*.

E já agora, meus irmãos do trabalho, dos mesmos pesares, levantemos entusiasticamente um grito de reserva satisfação, e deixemos repercutir esses echos, além... além...

Arcos, 9—3—906.

Joaquim Lima.

## A' canalha

«O sr. Duarte é um negociante honesto e trabalhador, que vive do seu trabalho (admira-vos ó gentes!) e que tem um nome muito mais limpo do que muitos d'aquelles que constituam essa malta d'agressores desorientados, cujos feitos registamos aqui para mais tarde recordar como merecem».

D'O Commercio de Barcellos.

Afinal os srs. Duartes chafurdam em uma lama tão extensa e vasta, que teremos de sujar-nos só em arguill-os de se portarem incorrecta e covardamente. Conservamos ainda na memoria as palavras de alguns commerciantes dos mais illustres do nosso pequeno meio commercial, que lamentaram o nosso modo de proceder, lembrando que o contagio d'essa canalha viesse ferir a nossa reputação até hoje illesa. Ha deveres que obstaculos nenhuns deteem: nem receios de contagios, nem hypotheses de similhaça nos podem fazer parar ou paralyzar a nossa inergia.

Ha entre nós e os srs. Duartes uma contenda que affecta a dignidade e o brio de todos nós, caixeiros. Pois bem; essa contenda ha-de liquidar-se, vagarosa ou urgentemente, conforme as circumstancias o permittirem e até onde as nossas limitadas forças não fraquejarem. O valor pessoal do sr. Anselmo Duarte está manifestamente patenteado: esplendido bombo de festa, brioso boneco para espantar crianças.

Inutilidade em tudo, poltrão em actos insignificantes, só na expansão da covardia é grande e espalhafatoso. E provou-o exuberantemente nas noites dos dias 19 e 20 do mez actual, quando interpellado a explicar e esclarecer umas palavras insultuosas e aggressivas com que tentava melindrar um negociante considerado e respeitado da nossa villa. Pelos factos é que nós costumamos apreciar os homens; e se alguma duvida tinhamos, ainda, sobre a força moral e physica do sr. Anselmo Duarte, dissipou-se totalmente á face das villanias praticadas e dos lamentos ridiculos que soltou — lamentações que uma criança teria vergonha de dizer e nós, adultos, repugnancia e asco em imitar.

Os srs. Duartes só depois de decorridos uns poucos d'annos, e tendo pleno conhecimento que o nosso collega os roubava, é que tomaram a iniciativa de o despedirem. Ora nós — que estamos ao facto da origem da desintelligencia que houve entre o nosso collega e aquelles srs., e que affirmamos aqui muito peremptoriamente que o nosso camarada nunca prejudicou os interesses d'aquelles commerciantes — podemos afirmar absolutamente, e sem receio de sermos desmentidos, que roubado infamamente é o nosso collega, não só na herança que lhe tocou pelo fallecimento do pae, mas ainda no ordenado que legitimamente lhe pertence, ganho á custa de sacrificios inauditos

e paciencia illimitada para tolerar e supportar brutalidades condemnaveis que os srs. Duartes constantemente infligiam.

O nosso collega é, tambem, alvo de uma accusação que, só por si, constitue um crime.

Consideramos a penna de Talião como a lei superior a todos os preconceitos e fórmulas sociaes, e assim a adoptaremos, para resolver esta questão ultrajante e vil para os srs. Duartes. E' pois, na imprensa que este litigio ha-de ser terminado. Julgamo-nos collocados em uma posição de todo sympathica: nós que defendemos um collega desprotegido, e os srs. Duartes que roubam e calumniam um sobrinho que lhes deve merecer toda a protecção e conceito.

Estranhos a uma escroquerie intima, realisada entre familia, não é essa a que mais nos revolta; ha o roubo declarado que os srs. Duartes querem impôr a um caixeiro e esse é que nós não admittimos sob aspecto algum. Declaramos, pois, a nossa conducta futura: vamos tentar constituir a biographia do sr. Anselmo Duarte e publical-a, não olhando a benevolencias que suppomos superfluas, nem a considerações que imaginamos desnecessarias.

Braga, 25

Dizia o nosso incomparavel João de Deus: — *nunca se diz nada sem razão*, — e eu que me filio n'essa corrente de ideias puras, que definem um caracter, venho tambem dizer alguma coisa, mas com razão.

Não sei se os leitores conhecem um jornal diario que se publica aqui, em Braga, com o titulo de «Noticias do Norte». Pois esse jornal, ha dias, publicou um folhetim que o seu *illustre auctor* intitolou «A Velha», em que verbosamente ridicularisava, na sua prosa insulsa e reles, tudo quanto lhe occorria ao bico da penna, suja e indecente, como a mão que a mexia.

Não lhe escapou tambem a classe dos caixeiros, que ridicularisava atrevidamente, sem se lembrar que o mais infimo da classe attingida, ainda lhe ficava uns furos acima do nivel da sua cathgoria social, de simples lavador de tinteiros e limpador de escrevanhinhos, n'uma repartição do Estado, que algum influente politico e amigo para alli o atirou, afim de não prejudicar o seu sapateiro infeliz.

Pois esses *fidalgos*, que se diz descendente em linha collateral de reis, e que lhe gira nas veias um sangue azul, vem dizer-nos tambem, que no seu bestunto de desequilibrado, existe toda a porcaria que nos póde obrigar a levar o lenço ao nariz.

Não é porque *sua excellencia* não seja um typo desempenado e não saiba pisar uma sala com todos os requintes do bom tom e da arte. Lá isso é. Nada lhe falta, desde a sua botina de polimento e biqueira aguçada, até a sua cabelleira

de risca ao meio e bem oleosa, elle é irreprimivel, e quasi se lhe póde chamar o arbitro da elegancia cá n'este cantinho do Minho. E não admira, porque *sua excellencia* tem percorrido todas as grandes capitães do mundo, onde vae de tempos a tempos afinar o seu bom gosto. D'ahi, o seu desanimo pelo estacionamento e nenhum adiantamento da sociedade portugueza, que tão acerbamente ridicularisa, não escapando nada ao seu olhar de perscutador e de critico.

Creio bem que Ramalho Ortigão vae perder todo o seu prestigio, de critico, com a apparição de tão *immerito* *escrevinhador*.

Pená foi que se tivesse suicidado o nosso Julio Cezar Machado, o immortal folhetinista portuguez, porque alguma coisa poderia aprender com tão *encyclopedico litterato*.

Além d'isso, até no verso elle é imminente, recitando-o como poucos. Se Guerra Junqueiro ouvisse recitar-lhe o *melro*, creio bem que lhe despertaria vontade de escrever outro *melro*, para ter o prazer de ouvil-o recitar.

*Sua excellencia*, ha tempos, perdeu o — de —, dizem que no percurso d'esde esta cidade até ao seu *illustre e mui nobre solar do tanque*; tambem assim o acredito, porque ha já bastante tempo que *sua excellencia* deixou de addicional-o ao seu *illustre* nome. Pena é que não se tenha encontrado, porque o *nobre fidalgo* contemplaria com boas alviçaras o felizão que lh'o entregasse.

Agora me lembro, e com razão, que tivesse levado o mesmo caminho o seu *monoculo*, porque ha tambem já bastante tempo que o não vejo assestado sobre o seu lindo olho. E' uma falta que se nota á primeira vista, pois sem esse appendice, não está completa a sua exotica figura.

Mas cá no paiz, com certeza, não apparece *monoculo* que lhe agrade, e *sua excellencia* espera, para n'uma das suas habituaes viajatas ao estrangeiro, ir compral-o á casa *Rexambeque & C.ª*, especialista no artigo, pois que só lá é que poderá encontrar coisa que lhe encha bem o olho.

Adeus senhor Fontes!!...

Nunca deve dizer nada sem razão...

Veté.

## Reparos

O nosso humilde jornal não é politico, nem mesmo gostamos de defender quem não mereça tal defeza. Imparcialidade no caso.

«Flavio Neiva, filho do official da administração d'este concelho Manoel Neiva, um vadio que varias vezes póde ser enviado para juizo, salientou-se nas selvagerias» — dil-o o nosso presadissimo collega local *O Commercio de Barcellos*, ao fazer referencia ás manifestações de

# A FRATERNIDADE

regosijo que n'esta villa os regeneradores fizeram realizar por motivo da queda do governo e que confessamos, foram verdadeiramente excessivas, chegando até a causarem má impressão nos espiritos cultos e nojo, talvez, que em todos os que vêem alguma cousa, porque por vezes teem sido provocantes e dignas de repressão, por parte da auctoridade, visto que alguém se julga no direito de fazer tudo quanto quer e entende, por os seus estarem de cima!...

São maus precedentes, que para futuro podem trazer más consequencias. Mas cada um entende e vê as cousas como lhe parece.

Mas Flavio Neiva, permittanos o collega o nosso reparo, não é um vadio. É um nosso collega que está desempregado, como outros o teem estado e como nós amanhã tambem podemos estar.

Manifestaria elle o seu regosijo pela queda do governo, como acreditamos.

Se elle fez ou não fez *selvagerias*, não sabemos, nem queremos saber, porque cada um é senhor da sua cabeça.

Não se deve, por isto, chamar vadio a um collega nosso, que se acha desempregado.

Desculpe-nos o collega o nosso reparo, mas a nossa qualidade permite-no-lo.

## ECHOS DE COIMBRA

(Atrasada)

### Julio Santos

Saiu para a capital onde foi assumir a gerencia dos escriptorios do importante armazem de vinhos dos srs. Sanderman & C.<sup>a</sup>, na Quinta do Cabo Ruivo, este nosso presado amigo.

Julio Santos, dotado d'uma intelligencia não vulgar, um verdadeiro genio, por assim dizer, como uma vocação especial para a arte de caricatura, foi sempre aqui admirado por todos que tinham o prazer de o conhecer quer de nome ou pessoalmente.

Devido ao seu fino trato e caracter bondoso não contava aqui senão amigos, sendo por isso bastante sentida a sua retirada.

Exerceu por muito tempo e com reconhecida competencia o desempenho do logar de correspondente d'«A Fraternidade» n'esta cidade, apontando-nos quando d'aqui saiu para o substituirmos, errando assim d'esta vez o caminho recto que sempre tem trilhado porque não seria para nós de quem se deveria occupar em vista de, sem duvida, aqui poder encontrar quem melhor soubesse desempenhar tão difficil cargo.

Comtudo, animados da melhor boa vontade, arrojarnos-hemos a enviarnos para «A Fraternidade», as correspondencias que estejam ao nosso alcance, sendo o nosso programma destituido de qualquer facção, defender ou combater a classe para que este jornal foi creado.

D'aqui, pois, apresentamos aos nossos estimados leitores,

bem como ao corpo redactorial d'«A Fraternidade» e pessoal typographico os nossos cumprimentos, pedindo-lhes benevolencia.

—Falleceu no sabbado ultimo o sr. Antonio Ambrosio, considerado negociante d'esta praça, sogro do sr. Francisco Villaça da Fonseca, estimado droguista e muito digno presidente da Associação Commercial de Coimbra.

Ao sr. Villaça e a toda a familia enlutada, enviamos as nossas condolencias.

—Consociou-se no sabbado, na igreja da Sé Cathedral, o sr. Affonso Rasteiro, activo e intelligente empregado da photographia Gonçalves, com a sr.<sup>a</sup> D. Rosalina da Costa Braga, filha do bemquisto industrial d'esta cidade sr. Antonio da Costa Braga.

—Foi já auctorisada, nos termos do n.º 4 do art.º 12 do regulamento dos serviços telegrapho-postaes, a transmissão e recepção do serviço telegraphico por meio da rede telephonica de Coimbra, cobrando-se a taxa de 20 réis por cada telegramma de menos de 50 palavras e mais 20 réis por cada grupo ou fracção de 50 palavras.

O deposito para garantia tanto da importancia dos telegrammas transmittir para a rede telegraphica, como a recepção pela rede telephonica é de 15000 réis.

O numero de chamadas para este serviço especial é de 135.

Que seja, pois, bem vindo este nosso collega, é o que desejamos.

—Passa hoje o terceiro anniversario da revolta que aqui se deu, conhecida pela *revolta do Grello*.

—Consta ter desaparecido d'aqui, não sabemos porquê, um importante industrial e influente politico cá da terra.

—Pedi a exoneração do cargo de governador civil d'este districto o sr. dr. Antonio de Padua, sendo nomeado para o mesmo logar o sr. dr. Antonio Tavares Festas, que já tomou posse do referido cargo na quinta-feira passada.

12-3-906.

J. T.

## CARTA DO PORTO

O descanso dominical vae ser, dentro em breve, um facto.

Ninguem espera outro resultado dos importantes trabalhos da Comissão Commercial, que teem sido lentos e reservados, mas sem duvida praticos e seguros.

Compõe-se esta Comissão dos seguintes cidadãos:

Antonio Luiz da Fonseca, (Associação Commercial); Alfredo Pereira, (Centro Commercial); José da Silva Reis e Eduardo Lima Lobo, (Athena Commercial); Andrade Basto, (Associação dos lojistas); Julio Gabriel e Philippe José da Silva, (Associação Revendedores de Viveres); José Pinto Fernandes, (Gremio Commercial); Abilio Machado

e Alfredo Moreira da Rocha Brito, (Club Fenianos); Anibal Martins e Abel Candido Gonçalves, (União dos Empregados de Commercio).

Segundo me consta a Comissão está nas boas disposições de assegurar, definitivamente, o encerramento das lojas ao domingo, por lei municipal.

Tendo a Comissão que dirigir-se ao governo para consentir que a municipalidade estabeleça a postura, não seria mais simples e pratico reclamar antes a aprovação do projecto de lei do sr. Claro da Ricca e conjuntamente a sua immediata regulamentação?

Já, em 1903, as associações de classe então existentes reclamaram do Municipio uma postura, creio que aconselhadas por alguns ministros, entre elles o sr. Hintze Ribeiro (é preciso notar que estes conselhos foram dados antes de ser votada a lei em Hespanha e de serem apresentados projectos nas camaras legislativas), que me pareciam então o problema mais facil de resolver pelas camaras municipaes.

Não foram attendidas, então, as reclamações das associações, pelas mesmas se não entenderem na lucta commum e pelo relativo atrazo em que a questão se encontrava, tomando n'estes tres ultimos annos um avanço e adiantamento tão grande que os negociantes são os proprios a iniciar o encerramento e a reconhecer a necessidade imprescindivel da lei e a reclamar-a.

Devido á grande convivencia que temos com a colonia ingleza, muito numerosa no nosso meio commercial, todos sabem que os grandes estadistas inglezes Gladston e Disraeli, de renome universal, consideram a rigorosa observancia do descanso dominical um dos factores mais importantes e base do engrandecimento, progresso e civilização da sua patria.

O Brasil, hoje, duplamente mais rico, desenvolvido e prospero do que no tempo do Império, resolveu este problema, de tão largo alcance social, estabelecendo posturas municipaes.

A Hespanha teve um estadista de largas vistas que a dotou com este grande melhoramento e cujos resultados e beneficios dentro d'alguns

annos se farão sentir sensivelmente.

Em Portugal, desgraçadamente, devido ao atrazo das classes dirigentes, esta importantissima questão, que merece o estudo de eminentes estadistas, vae ser afinal liquidada por um grupo de patriotas strenuos defensores dos interesses commerciaes gravemente prejudicados pela rotina e ignorancia dominantes.

Foi nos ultimos tres annos que o Commercio conheceu a sua força e importancia fazendo cair umas propostas de fazenda, contra a vontade do governo; n'este mesmo espaço de tempo, a Camara d'esta cidade foi levada de vencida na questão do matadouro, e na questão da viação temos uma Comissão de defesa dos interesses municipaes que tem cumprido honrada e dignamente os seus deveres civicos.

Estes acontecimentos são garantia incontestavel e profundamente nos convencem que a inergia, honra e brio da benemerita Comissão Commercial conseguirá beneficiar não só o Porto como todo o paiz com um dos melhoramentos mais importantes para o seu engrandecimento e do maior alcance para a saúde publica, actualmente, cuidadosamente tratada pelas analyses aos generos alimenticios, saneamento, educação physica nas escolas e muitas outras medidas hygienicas.

Não só a classe dos caixeiros, mas todos aquelles que se dedicam ao estudo dos grandes problemas nacionaes, manifestarão opportunamente o seu grande reconhecimento a tão patriótica como illustre e prestimosa Comissão.

Este assumpto, que pela sua transcendencia merecia ser mais desenvolvido, fica de reserva para outras cartas porque esta já vae longa, attendendo ás pequenas dimensões d'este quinzenario.

—Pela relação, que me enviaram dos assignantes que a «Fraternidade» conta n'esta cidade, vejo que são a elite da classe commercial, isto é, os que pensam e estudam, por isso desnecessario será dizer-lhes que praticam uma acção meritoria, cumprem um dever civico e manifestam a sua solidariedade tornando mais lido este quinzenario angariando assignaturas.

20-3-906.

Baptista Junior.

## “A FRATERNIDADE”

Orgão dos caixeiros e do commercio em geral

BARCELLOS

Co. no. 1.º